



O DIA EM QUE A TERRA FICOU SURDA

Em 2550, os carros tinham-se tornado tão velozes que sulcavam os céus como foguetões. Os aspiradores funcionavam sozinhos à distância, graças a um telecomando especial, e os frigoríficos falavam: “A manteiga está rançosa, os brócolos estão velhos. Comprar iogurtes, por favor.” Quando os enchíamos de novo, cantavam árias de ópera. Os telemóveis tinham-se tornado tão pequenos que cabiam nos ouvidos e bastava estalar os dedos para os ligar. Todas as famílias dispunham de uma dúzia de robôs que faziam tudo em casa: arrumar, encerrar, fazer os deveres. A vida tinha-se tornado muito facilitada e havia mais tempo. Contudo, um problema enorme persistia: o barulho.

O barulho tornara-se insuportável, monstruoso, aterrorizador, como se tivessem posto o volume de um aparelho no máximo. Os frigoríficos que cantavam, os motores-foguetão, os apitos dos professores de Educação Física, as fúrias dos pais e, mais do que tudo, o barulho das crianças. Estas viviam com um auscultador instalado no ouvido, que transmitia música, filmes ou desenhos animados... Ininterruptamente! Sempre que precisavam de falar, as crianças desatavam aos berros, para se poderem ouvir. Já reparaste que barulho faz barulho? Quando alguém fala alto no autocarro, tens de levantar a voz para te fazeres ouvir pelos teus colegas. E o condutor tem de berrar para anunciar o fim da viagem.

Em 2550, a professora dava aulas com megafone e as mães utilizavam um microfone para dizer coisas tão simples como “Vai tomar o teu banho” ou “Desliga a televisão, se faz favor”. As crianças respondiam aos berros: “Ainda não posso, estou a ver os desenhos animados.” Nada se passava com calma, nada se fazia discretamente. Caminhar tornara-se marchar; nas cantinas, o barulho dos talheres era insuportável; verbos como “sussurrar” e “soprar” desapareceram do vocabulário das pessoas. Assoar-se era como soprar uma trombeta; os pequenos arrotos pareciam petardos. O sol parecia uma roldana enferrujada quando se erguia e a lua uma gralha insuportável quando aparecia no céu estrelado.

Uma pausa, um silêncio, o vazio, um chapinhar de água, um bocejo, eram tudo coisas do passado. A Terra fazia tanto barulho que os seus vizinhos começaram a detestá-la. Marcianos,

Venusianos e Saturnianos, tudo gente calma, chamaram a polícia. Claro que havia um Ministro do Ruído, mas as leis já não se cumpriam. Os ouvidos tinham-se tornado profundamente infelizes, porque não aguentavam tantos decibéis e não podiam fechar-se como os olhos.

Um belo dia, quando os Terrestres se levantaram, só ouviram um grande silêncio. Puseram o volume do ouvido no máximo e nada. Quando as mães quiseram gritar para os filhos lavarem os dentes, nenhum som lhes saiu da boca. Tinham ficado surdas. Aliás, toda a gente tinha ficado surda. A princípio, entraram todos em pânico. Os homens estavam desorientados porque, depois de viverem no barulho mais infernal, não conseguiam suportar o silêncio. Começaram a procurar o barulho nos supermercados, no metro. Mas o barulho tinha desaparecido. Os carros-fogueteão andavam sem ruído, os brócolos amareleciam em silêncio no frigorífico, as crianças já não falavam entre si. Será que os ouvidos tinham entrado em greve? Nas salas de aula, a professora tinha de escrever os deveres no quadro. Os habitantes dos outros planetas começaram a eleger a Terra para fazer curas de silêncio. Mas o Ministro do Ruído estava muito preocupado e enviou um *e-mail* ao Médico Intersideral, que veio logo vê-lo, acompanhado por um tradutor de ouvidos. O Médico examinou centenas de ouvidos terrestres e declarou que o problema era simples: os ouvidos estavam em greve. Tinham fabricado uma cortina de forma a protegerem-se, como faziam os olhos com as pálpebras.

— O que devemos fazer para que ouçam de novo? — perguntou o Ministro. — Gostava tanto de ouvir música! Não podemos viver neste silêncio!

— Se viverem num estado de ruído permanente, os ouvidos recusar-se-ão a ouvir — transmitiu o tradutor. — O que eles querem é: pouco barulho, nada de auscultadores, nada de música selvagem, ouvir as antenazinhas dos caracóis a abrir, ouvir os barulhos da natureza.

O Ministro compreendeu o que tinha de ser feito e lançou uma campanha anti-ruído. Recomeçaram todos a andar devagar, a sussurrar, e limitou-se o uso do auscultador de música a duas horas por dia. Os acidentes de mota diminuíram drasticamente. Os ouvidos, satisfeitos, recomeçaram a ouvir. Redescobriram-se barulhos que tinham sido esquecidos: o murmúrio das ondas, o ronronar do frigorífico, o cricri das cigarras... tudo o que não podemos ouvir quando estamos sempre com auscultadores nos ouvidos. Uma semana depois, tiveram vontade de pôr tudo em alto som, mas os Saturnianos avisaram-nos de que iriam ficar surdos de novo. A recordação das pálpebras de ouvidos fê-los baixar o som e todos descobriram que ouviam melhor. Ouviam as flores a crescer e as palavras doces que os namorados sussurravam uns aos outros...